

05 AGO 2000

JORNAL DE BRASÍLIA

Policial federal mata colega

Três balas atingiram o presidente da Coopercred, que negara dinheiro a Ilton Almeida

FRANCISCO STUCKERT

AGENTE DEVE MAIS DE R\$ 70 MIL E TEVE CRÉDITO CORTADO NA COOPERATIVA

LUÍS AUGUSTO GOMES e VALÉRIA FEITOZA

O agente da Polícia Federal Ilton Antônio de Almeida, 42 anos, matou a tiros o presidente da Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo dos Servidores dos Órgãos de Segurança Pública, dos Ministérios da Justiça, Defesa e Órgãos Vinculados no DF (Coopercred), Roberto Layse Costa, 42 anos. O crime ocorreu ontem por volta do meio-dia, na sede da entidade, no Setor de Autarquias Sul. O motivo: uma dívida superior a R\$ 70 mil.

A Coopercred atende a maioria dos funcionários da Polícia Federal e funciona como uma espécie de banco. De acordo com o salário de cada associado, há um limite de crédito disponível. A dívida é paga por meio de desconto em folha salarial. Segundo testemunhas, Ilton não tinha mais crédito. Elas informaram, ainda, que o agente foi destituído há pouco tempo do cargo de diretor administrativo da cooperativa, a pedido do Banco Central, por avaliar operações irregulares.

Uma funcionária, que não quis se identificar, conta que na noite de quinta-feira houve uma reunião extraordinária da diretoria, para discutir da inadimplência de alguns

associados. "Dessa reunião saiu uma lista com os nomes das pessoas que não poderiam fazer novos empréstimos na cooperativa sem a autorização do presidente", conta. Os caixas da cooperativa, acrescenta, receberam a lista onde constava o nome de Ilton.

Ontem pela manhã, segundo informações da polícia, Ilton estava de plantão na sede da Polícia Federal. Telefonou para a Coopercred e conversou com Roberto Layse: queria descontar um cheque de R\$ 2,7 mil, referente ao seu salário, mas foi informado pelo presidente da cooperativa de que havia estourado seu limite de crédito. Irritado, Ilton foi pessoalmente à sede da Coopercred, pouco antes do meio-dia.

Ao chegar, entregou o cheque diretamente no caixa, onde a funcionária informou que seria necessário o aval de Layse para efetuar o saque. Ilton foi à presidência da cooperativa no momento em que um delegado e um agente aposentados da Polícia Federal e um bancário estavam na sala. Ilton exigiu a assinatura do presidente no cheque. Layse levantou-se, mas nem chegou a falar: Ilton sacou sua arma, um revólver Magnum 3,57 milímetros, e disparou cinco tiros.

Três balas atingiram o presidente da cooperativa. A primeira na perna esquerda, outra no abdômen. A terceira, fatal, entrou no braço esquerdo, atravessou o peito e saiu pelo braço direito. Layse morreu na hora. Os outros dois disparos acertaram a parede. Agarrado pelo delegado que estava na sala, Ilton foi preso



CORPO de Roberto Layse Costa é levado da sede da cooperativa, no Setor de Autarquias Sul, e deverá ser sepultado hoje

em flagrante e levado pela Polícia Militar para a 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul).

Lá, disse apenas que estava com problemas e se recusou a prestar depoimento, afirmando que só falará em juízo. Ilton foi enquadrado pelo delegado-titular, Antônio Cavalheiro, no artigo 121 do Código Penal, por homicídio qualificado. Se for condenado, poderá pegar de 12 a 30 anos de prisão. No fim da tarde, Ilton foi encaminhado ao Instituto de Medicina Legal (IML) para exame de corpo de delito e levado para a Superintendência da Polícia Federal, onde permanecerá preso.

Colegas lembram generosidade de Layse

Durante toda a tarde de ontem, o movimento no prédio onde funciona a Coopercred foi intenso. Dezenas de pessoas, entre familiares e colegas de trabalho de Ilton e Layse estiveram no local. Ficaram chocados com a notícia do assassinato.

O ex-diretor geral da Polícia Federal, Vicente Chelotti, acompanhou a perícia por algum tempo. Muito abalados, os parentes de Layse recusaram-se a falar com a imprensa.

Os colegas contam que ele era uma pessoa muito ge-

nerosa. "Trabalhei com Layse por dez anos na sede da Polícia Federal, ele me ajudou muito quando meu filho precisou fazer uma cirurgia", revela a copeira Elizabeth Ribeiro de Souza, 39 anos.

Amigos em comum de Layse e Ilton diziam não acreditar no que aconteceu. "Eles já trabalharam juntos e se davam bem", disse um deles.

A mãe de Lígia Moraes de Freitas, secretária executiva da Coopercred, falava ao telefone com a filha no mo-

mento em que Layse era atingido pelos disparos. "Foi horrível, eu só escutei os tiros, minha filha começou a gritar e não conseguia me dizer o que estava acontecendo", disse. "Pensei que ela tinha sido ferida, fiquei desesperada".

No Instituto de Medicina Legal, amigos de Layse foram prestar solidariedade à família. O presidente da Coopercred era casado e tinha dois filhos adolescentes. O sepultamento está previsto para hoje, no Cemitério Campo da Esperança